

Banqueiro diz que única solução é novo empréstimo

— O Brasil não pode pagar o que deve ao Banco Internacional de Compensações (Bis). Não tem dólares. Só pagará se fechar o acordo com o Fundo Monetário Internacional ou levantar um empréstimo-ponte (bridge-loan) junto ao banco central americano (Federal Reserve) — disse ontem o Diretor da Área Internacional do Banco Nacional e Presidente do Forex Club do Brasil, Genival de Almeida Santos.

Segundo Genival Santos, o fato de o Bis não aceitar um novo adiamento para o pagamento da parcela de crédito no valor de US\$ 400 milhões é extremamente preocupante, porque cria mais um sério complicador para a situação externa do País.

— Se o Bis exigir o pagamento e o Brasil não tiver como pagar, por não ter fechado o acordo com o FMI ou não ter conseguido um outro bridge-loan, o banco suíço contabilizará o empréstimo concedido ao Brasil como crédito em liquidação (default), o que vai gerar graves problemas entre o País e os bancos centrais europeus. Além disso, vai piorar o relacionamento do Brasil com os bancos privados da Europa — explicou.

Um lado positivo da questão, de acordo com Genival, é que caso o Bis declare o Brasil inadimplente, publicamente, talvez se acelerem as negociações com o FMI e com os bancos credores americanos, aos quais não interessa contabilizar os empréstimos ao Brasil como créditos em liquidação.

— Pesaria muito no patrimônio líquido destes bancos — disse ele.

MORATÓRIA

Genival Santos considera um pouco sem sentido discutir se o Brasil deve ou não deve pedir moratória.

— O Brasil já pediu moratória há muito tempo. Todo mercado finan-

ceiro internacional sabe que há mais de três meses o Brasil não paga a ninguém. Os atrasos devem estar em bem mais de US\$ 1 bilhão. Os títulos não são honrados e só não são levados a protesto porque não interessa aos bancos — afirmou.

Como o País já não paga mais a seus credores, o Diretor do Banco Nacional considera que o que deve ser feito, dentro de duas ou três semanas, no máximo, é uma negociação global com o FMI e os bancos credores, que inclua não só as necessidades de financiamento do balanço de pagamentos deste ano, mas também as de 1984.

Para isso, segundo ele, basta apenas sentar à mesa e negociar seriamente. Romper com o FMI e com os bancos credores, ao seu ver, “não tem cabimento, porque ninguém pode viver isolado no mundo, hoje em dia, já que as economias são muito entrelaçadas e interdependentes”.

O rompimento com o Fundo e o mercado financeiro internacional, na opinião de Genival Santos, só seria aceitável se houvesse um impasse intransponível nas negociações, o que ele crê que não ocorrerá, porque não interessa nem ao País nem aos bancos credores.

— Esses bancos só aceitariam um default brasileiro se a dívida do Brasil fosse insignificante. O volume enorme da dívida externa faz com que queiram ajudar. O necessário é apresentar a estas instituições e ao FMI um programa de pagamento de mais longo prazo, que o Brasil possa cumprir sem ter que parar, isto é, sem ter que enfrentar uma profunda recessão — observou.

O economista Paulo Nogueira Baptista Júnior, da Fundação Getúlio Vargas, também é de opinião de que o Brasil deve continuar a negociar com o Fundo Monetário Internacional e os bancos credores.